**PROFISSIONAIS DE APOIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: opiniões sobre uma comunidade formativa virtual**

*Fernanda Matrigani Mercado Gutierres de Queiroz [[1]](#footnote-1)*

*Márcia Helena da Silva Melo [[2]](#footnote-2)*

**EIXO TEMÁTICO:** Formação de professores e educadores de infância.

**RESUMO**

Apresentar uma proposta de formação para os profissionais de apoio via Comunidade Virtual com o objetivo de delinear, apresentar e avaliar a usabilidade de uma Comunidade Colaborativa Virtual para a formação continuada dos profissionais de apoio, na opinião destes profissionais. Para isso, cinco profissionais de apoio que atuam na Educação Infantil, foram convidadas a participar da Comunidade por um mês e foram realizadas entrevistas para captar aspectos técnicos e pedagógicos do *site.* Conclui-se que a Comunidade Virtual revelou adequado potencial formativo na opinião destes profissionais.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Educação Inclusiva, Profissional de apoio, Cuidador escolar, Formação continuada.

**INTRODUÇÃO**

A Educação Infantil se configura como a primeira etapa da Educação Básica. É oferecida em creches ou pré-escolas e apresenta como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos, físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL, 1996, 2013). Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil as creches e pré-escolas se caracterizam como estabelecimentos educacionais responsáveis pela educação e cuidados dos bebês e crianças, sendo regulados e supervisionados por órgão do sistema de ensino (BRASIL, 2010). Assim, o educar e o cuidar são ações indissociáveis ao processo educativo e devem ser garantidos na Proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil para todas as crianças, incluindo as que se configuram como o público-alvo da Educação Especial que são as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento ou com altas habilidades/superdotação, de acordo com o Decreto nº7611/2011 (BRASIL, 2011).

Alves et al. (2006) menciona que a Educação Inclusiva é uma abordagem educacional que busca responder às necessidades de aprendizagem de Todos, principalmente os que enfrentam barreiras para a participação nos processos de aprendizagem escolar, propõe uma quebra dos paradigmas educacionais. Sob esta ótica uma escola inclusiva acredita que todos os seus alunos têm potencialidades a desenvolver (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Ao refletir acerca da escolarização das crianças com deficiência é pertinente a discussão sobre os apoios oferecidos. Muitas famílias estão recorrendo a medidas judiciais para solicitar os serviços dos profissionais de apoio, porém, os apoios voltados à garantia do direito à educação devem ser estruturados via análise do perfil funcional da criança, pela equipe escolar e não simplesmente pela condição de ter alguma deficiência. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência, Lei nº13146/15, considera-se profissional de apoio:

pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas (BRASIL, 2015).

Segundo as orientações para a implementação da política de educação especial na perspectiva inclusiva cada situação deve ser bem avaliada, tendo em vista que o educar e o cuidar se caracterizam enquanto ações da Educação Infantil, contratar esse profissional só se justifica para atender as especificidades necessárias para possibilitar um adequado acolhimento e garantia de participação nas atividades escolares, que não possam ser atendidas por outro profissional da escola de educação infantil. (BRASIL, 2015).

Para realizar uma atuação adequada, na perspectiva da Educação Inclusiva, espera-se que este profissional esteja devidamente formado. Considerando as demandas da vida atual, muitos profissionais não têm tempo ou condições financeiras para investirem na sua formação. Assim, apresenta-se uma proposta de formação continuada para os profissionais de apoio por meio de uma Comunidade Colaborativa Virtual. Neste contexto revela-se o objetivo desta pesquisa que consistiu em: delinear, apresentar e avaliar a usabilidade técnica e pedagógica de uma Comunidade Colaborativa Virtual voltada a formação continuada dos profissionais de apoio, na opinião destes profissionais que atuam na Educação Infantil.

A intenção não é de um curso formal e sim de uma comunidade colaborativa virtual de aprendizagem sem hierarquização do saber, onde todos colaboram neste espaço com seu conhecimento seja teórico ou prático. Lévy (1999) define que uma comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados. Assim, não há intenção de determinar carga horária ou grade curricular, primando pela liberdade do participante em navegar pelos módulos conforme seu interesse, pelos hipertextos e hiperlinks, tanto o mediador como qualquer participante podem postar assuntos, imagens e outros, fomentando a participação de todos.

**MÉTODO**

**Participantes, local e período**

Este estudo contou com a participação de cinco profissionais de apoio que atuavam em escolas públicas de Educação Infantil em uma cidade localizada no estado de São Paulo, que aceitaram participar do estudo e atenderam aos critérios de inclusão: atuar como profissional de apoio em escola de Educação Infantil; referir ter conhecimento básico de informática com uso da internet e aceitar participar da pesquisa. Todas as participantes receberam esclarecimento sobre o teor da pesquisa e assinaram o TCLE. A coleta foi no primeiro semestre de 2018.

**Equipamentos e instrumentos de coleta de dados**

As participantes acessaram a Comunidade virtual por um mês, participando ao menos, de um conteúdo planejado de cada módulo. Depois, foi realizada entrevista semiestruturada para avaliar a usabilidade técnica da plataforma, e.g. facilidade ou dificuldade de acesso e em localizar os itens na tela, bem como a pedagógica, decorrente das temáticas desenvolvidas, organização da comunidade virtual, tipos de atividades propostas, tempo de duração dos vídeos, tamanho e clareza dos textos, etc. O equipamento utilizado para a pesquisa foi o gravador para registrar em áudio as entrevistas, além de computadores, tablets ou *smartphones* com acesso à internet e a Plataforma *on line* *Moodle*. Para a implantação da Comunidade Virtual foi necessária conexão e espaço na internet *Host*, e a plataformacomhabilitação configurada para computador e equipamentos móveis.

Para planejamento dos módulos foram produzidos vídeos especialmente para a pesquisa com a participação de especialistas convidados de acordo com a temática, estes convidados assinaram um termo de voz e imagem para a pesquisa. Os vídeos foram planejados quanto a forma e o conteúdo pela pesquisadora em parceria com os especialistas e depois foram editados. A seguir, foram hospedados no *site* da USP e realizado o link para a plataforma Moodle como Projeto de Extensão hospedado no e\_disciplinas USP. Também foram usados outros materiais didáticos como textos e cartazes. A plataforma Modular Object Oriented-Dynamic Environment (Moodle) é um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), livre e de acesso aberto, mais utilizados no meio educacional no Brasil para servir de ambiente para uma aprendizagem colaborativa. Apresenta ferramentas para comunicação assíncrona: fóruns, enquetes, e-mails e síncrona: chat.

**Procedimentos de coleta de dados**

O contato com as participantes foi realizado via escola de atuação. Após autorização da direção, foi agendada uma reunião na escola e explicado sobre a pesquisa, foi realizado o cadastro da participante na plataforma, fornecida orientações básicas de navegação, preencheram o questionário inicial e esclarecimento de possíveis dúvidas. Foi solicitado que a participante acessasse a pelo período de um mês, conforme sua disponibilidade e que ao finalizar este período a pesquisadora retornaria para uma entrevista sobre o uso da plataforma. Foi pedido que a direção disponibilizasse computador com acesso à internet para utilização, solicitação que foi atendida em todas as escolas. Passado o período, a pesquisadora retomou o contato e foi agendada a entrevista semiestruturada para identificar os aspectos de usabilidade técnicos e pedagógicos da plataforma.

**Procedimentos de análise de dados**

Para conhecer a satisfação no uso da plataforma, as entrevistas foram transcritas pela pesquisadora realizando ajustes as normas ortográficas e gramaticais e os dados oriundos das entrevistas foram expostos e discutidos a seguir constituindo os resultados desta pesquisa.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As opiniões e proposições de ajustes na plataforma sugeridos pelas participantes, são apresentadas a seguir compondo os resultados deste estudo. Como já mencionado foi solicitada a utilização de computadores na própria escola, porém, as participantes preferiram acessar do próprio celular. Este dado corrobora com o exposto pelo IBGE (2018) que menciona o telefone móvel celular como principal forma de acesso à internet, seguido pelo computador.

As participantes acharam o *site* fácil de usar, acessível e de fácil visualização, P1 comentou: *“Depois da segunda vez eu já consegui acessar”.* E completou: *“A primeira vez é mais complicado, mas, depois, fica fácil.”* P2 complementa: “*Está bem marcado no que você quer saber sobre o assunto. O tema está bem marcado*”. A plataforma Moodle permite sua customização e assim foi feito para que a sala virtual adquirisse a identidade visual da Comunidade colaborativa buscando interface amigável voltada as características reveladas pelos participantes, tanto nos aspectos funcionais quanto estéticos. Estas funcionalidades foram utilizadas de maneira diversificada nas atividades propostas com a finalidade de tornar a participação mais variada e enriquecedora aos participantes.

Somente uma participante revelou precisar de poio de alguém mais experiente para acessar, as demais expuseram que o *site* está muito bem explicado e bem integrado. P4 comentou: “O site estava bem integrado em tudo, tem os vídeos para entrar, na sequência questões para responder, é muito eficiente”. P2 falou “Ele tem uma coerência, de entender e relacionar o título com o vídeo”.

Quatro participantes disseram que a maioria das pessoas aprenderia a usar o *site* rapidamente, exceto P3 que comentou que acha que algumas pessoas poderiam encontrar alguma dificuldade, as demais afirmaram que as pessoas aprenderiam a usar o site rapidamente. P2 mencionou achar o site complexo de usar, as demais participantes discordaram desta afirmação e relataram se sentirem confiantes ao acessar. Elas mencionaram que não precisaram aprender muitas coisas de informática anteriormente para conseguir acessar. P2 afirmou que “*tanto faz mexer pelo computador ou pelo celular*”, assim como P3: “*Acho que você vai se acostumando com a ferramenta, é melhor, mais rápido se a gente acessa pelo celular*” e na sua opinião, vídeo curto é melhor.

Sobre aspectos a serem melhorados P3 relatou uma dificuldade encontrada: “*A gente não sabe a sequência dos vídeos, ou se precisa seguir uma sequência*”, já para P5 “*ficou claro (que não precisava seguir uma ordem nos vídeos ao acessar), até porque teve um que eu voltei a ver porque o que eu queria visualizar novamente*”. Neste contexto, P3 sugeriu diversificar as perguntas sobre os vídeos, não deixando somente perguntas abertas nos fóruns. A participante P4 expôs sua opinião “*é mais eficiente do que o outro curso (presencial) que a gente só fica em uma sala ouvindo muitas coisas, com os vídeos ele vai abreviando e já chega ao ponto*” e continuou: “Eu achei *muito fácil e eficiente para chegar na questão das perguntas, das respostas, do vídeo”.*

Para além dos comentários trazidos pelas participantes que enriqueceram o conteúdo da discussão, relacionada com a prática das profissionais, ao cotidiano da escola, às questões pedagógicas e como se sentiram como aprendentes neste processo. Sobre isso P1 comentou: “Este site v*ai ajudar as novas cuidadoras, a gente já tem experiência, mas, quando a gente chega na escola, a interação proporcionada pelo vídeo é muito útil nessas horas*.”

De acordo com as falas de algumas participantes percebe-se que estavam habituadas com modelos de ensino tradicional, com características presenciais, lineares e com ênfase a transmissão de conhecimentos ao invés da colaboração, participação e valorização dos conhecimentos sem hierarquizá-los. Estas colocações, suscitam a refletir acerca das argumentações de Behrens (2012) que os alunos estão acostumados ao paradigma tradicional de ensino com atividades repetitivas, ênfase na memorização com pouco significado para os estudantes e o desafio atual é mudar a perspectiva do ensinar, com caminhos que levem a aprender, todos trilhando juntos este processo, em um desejo de mudança da prática de ensino que se amplia para toda a sociedade.

Foram acatadas as sugestões referentes as melhorias no *site*, de acordo com a versatilidade oferecida pela plataforma, nas questões após o texto além de fóruns, foram diversificadas para enquetes e outras atividades. Em relação a sugestão de imprimir uma linearidade a plataforma, foi tomada a decisão de, ao invés de direcionar desta forma, esclarecer melhor as participantes, sobre a perspectiva da não-linearidade e o respeito ao interesse do participante pela temática, via hiperlinks que possibilitam ao participante a busca de informação de maneira objetiva, atendendo às suas expectativas referentes ao seu fazer profissional.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante as proposições positivas das participantes, pretende-se com esta ação colaborar com a formação continuada deste profissional que efetivamente estão compondo as equipes escolares e nota-se a necessidade de formações adequadas para refletir na qualidade de sua atuação profissional na perspectiva da Educação Inclusiva. Conclui-se que a Comunidade Colaborativa Virtual revelou um adequado potencial formativo na opinião destes profissionais.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, D.O. et al. *Sala de recursos multifuncionais*: espaços para atendimento educacional especializado/elaboração ALVES, D.O., GOTTI, M.O., GRIBOSKI, C.M. E DUTRA, C.P. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica,* 19º ed. Campinas, SP, Col. Papirus Educação. Papirus, 2012.

BRASIL. *Lei nº 9394/96, de 20 de dez de 1996.* Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Imprensa Oficial do Estado, 1996.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (DCNEI) Secretaria de Educação Básica (SEB), Brasília, Ministério da Educação (MEC), 2010.

BRASIL. *Decreto nº7611/2011*. Promulgado pela Presidência da República. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, Brasília, 2011.

BRASIL. *Lei nº 12.796/2013*. Altera a Lei n º 9.394, de 20 de dez de 1996, que estabelece as
diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dá outras providências, 2013.

BRASIL. *Orientações para implementação da política de educação especial na perspectiva inclusiva*, Ministério da Educação, SECADI, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.146. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 13 nov 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Pnad, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf>>. Acesso em: 14 nov 2019.

LÉVY, P. Cybercultura, 1ª ed. Editora 34, 1999.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. *Inclusão:* um guia para educadores; Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

1. Psicóloga e Pedagoga, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Doutoranda em Psicologia escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, USP, Mestra em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP de Marília. São Paulo. fernanda.queiroz@ufba.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Psicóloga, Professora da Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, USP. Mestre, Doutora com pós-doutorado pela mesma Universidade. Orientadora de mestrado e doutorado nos Programas de Pós-graduação da Universidade de São Paulo: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e Programa de Psicologia Clínica. São Paulo. mmelo@usp.br [↑](#footnote-ref-2)